



# OFICINA DO CES

**ces**

Centro de Estudos Sociais  
Laboratório Associado  
Universidade de Coimbra

**PRISCILA VALVERDE FERNANDES**

**UMA BIOGRAFIA CONTADA PELO PRÓPRIO AUTOR E  
RECONTADA POR OUTRO**

**Dezembro de 2015  
Oficina n.º 431**

**Priscila Valverde Fernandes**

**Uma biografia contada pelo próprio autor e recontada por outro**

**Oficina do CES n.º 431  
Dezembro de 2015**

**OFICINA DO CES**

**ISSN 2182-7966**

Publicação seriada do

**Centro de Estudos Sociais**

Praça D. Dinis

Colégio de S. Jerónimo, Coimbra

**Correspondência:**

Apartado 3087

3000-995 COIMBRA, Portugal

**Priscila Valverde Fernandes\***

## **Uma biografia contada pelo próprio autor e recontada por outro**

**Resumo:** Este texto tem por objetivo analisar a vida de um homem a partir da sua escrita em seus diários pessoais e como essa história passa a ser recontada por outro. Para isso, fez-se um recorte de um estudo mais amplo, focando principalmente aspectos da vida do autor a partir do que ele registra sobre ele mesmo e a sua vida familiar. São apresentadas as escolhas metodológicas e, posteriormente, para algumas dimensões-chave, o que foi apreendido dos diários que reconstruíram a história da vida do autor.

**Palavras-chave:** diários pessoais, biografia, relações familiares.

### **1. Introdução**

O presente artigo discorre sobre as questões que giram em torno da escrita de si, mais especificamente sobre a escrita nos seus diários pessoais e sobre como essa vida pode ser recontada por outro. O texto é um recorte da tese de doutorado e foi organizado indicando, primeiramente, o caminho metodológico percorrido e, posteriormente, aquilo que foi apreendido dos diários pessoais que reconstruíram a história da vida do autor.

O material estudado é um conjunto de doze diários pessoais escritos entre 1938 e 1988,<sup>1</sup> por Pedro Fernandes Moreira, brasileiro que morou em uma cidade no interior do estado de Minas Gerais. Os cadernos são dotados de memória e acontecimentos diversos, pois falam de histórias, cotidianos, organização familiar, práticas e costumes de uma determinada época e local.

Para alicerçar essa discussão, envereda-se inicialmente pelas características, possibilidades e motivações da memória escrita. A narrativa pessoal é permeada por momentos diversos que incluem acontecimentos ordinários e extraordinários. Esse processo de escrita e mais especificamente, da escrita de si é muito antigo e, juntamente com ele, o questionamento sobre o motivo que leva alguém a escrever sobre si mesmo. Algumas discussões, de forma mais ampla, podem ser apreendidas como: a necessidade de autoconhecimento; o domínio da história pessoal; a rememoração do passado; a escrita como necessidade humana; a valorização da individualidade, dentre outras.

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES. Contato: privalverde@hotmail.com

<sup>1</sup> São cadernos tipo ata, que têm em média, cerca de 50 a 100 páginas escritas. Os registros foram feitos quase que diariamente, principalmente a partir do segundo caderno. Os diários contêm, além dos escritos, fotografias, cartões, recortes de jornais, bilhetes, cartas, dentre outros papéis que auxiliam a compreensão da história do autor dos diários.

Com o advento da modernidade, o indivíduo encontra-se desamparado das explicações de sua existência a partir do divino e, se depara com o dilema de se autoconhecer. A escritura de si, então passa a funcionar como um espelho que possibilita enxergar-se pelo avesso (Matos, 2007).

Costa (2010) escreve que a escrita em diários pessoais ou em documentos semelhantes, constitui-se um movimento de preservação da gênese do ser humano, pois quem escreve foca em um ponto do tempo e do espaço, ou seja, rememora. Para o autor, as narrativas pessoais colocam-se como a voz da sua rememoração que, ao trazerem para o presente os fatos do seu passado, recompõem a sua experiência como indivíduo e manifestam a imagem que tem e quer fixar de si.

Os registros de experiências pessoais conservadas pela escrita, inúmeras vezes são esquecidos em caixas ou em estantes, e vão se perdendo à medida que envelhecem, levando consigo uma série de saberes de uma outra época. Trazem riquezas de detalhes que merecem um olhar mais atento, pois conservam lembranças do que é ordinário, espontâneo, efêmero e descontínuo.

Compreende-se que conhecer o autor a partir dos seus registros, da sua experiência de escrita e do seu cotidiano, também pode ajudar a compreender a escrita como forma de reconhecimento do autor de sua subjetividade. A base é a forma como o autor relata os aspectos da sua vida, que são visualizados na escrita cotidiana de seus cadernos.

O conjunto de diários a serem analisados neste trabalho contém reflexões, projetos, frustrações, medos, angústias do autor que não devem escapar à análise, pois, apesar de íntimos, pessoais e ordinários, são atravessados continuamente por um cunho social. A valorização dessa experiência que é privada, e, ao mesmo tempo, pública é fundamental, e se atualiza a cada detalhe que ganha destaque ao ser lido, relido, questionado e assinalado ao longo do estudo. A apropriação da palavra e a formação de um discurso compõem o quadro que se quer analisar e a problematização do mesmo fornece os passos iniciais dessa trajetória discursiva.

## **2. O desenho metodológico e a escolha dos procedimentos**

A escolha do método priorizou instrumentos que auxiliassem no entendimento de uma história de vida. Dessa forma, foi utilizada a pesquisa qualitativa, com o intuito de acompanhar os movimentos do campo. Considerou-se importante levar em conta fenômenos que dificilmente são capturados por métodos tradicionais, nomeadamente os trazidos por John Law (2004), como as afetividades, angústias, dores, prazeres,

esperanças, perdas, esquecimentos, enfim as imprevisibilidades, coisas que escorregam e deslizam, ou aparecem e desaparecem, mudam de forma ou que nem apresentam algum tipo de forma.

Nessa proposta, compreende-se que o objeto de pesquisa não é passivo e o caminho metodológico vai sendo construído de forma a tatear o material, dessa forma, é necessário estarmos sempre atentos para questões e obstáculos que chegam por todas as direções. Diante disso, Law (2004) propõe repensar as ideias que se tem acerca do rigor da clareza no processo de pesquisa, e busca maneiras de conhecer aquilo que se coloca como escorregadio e diferente, sem que para isso seja necessário tentar colocar os fenômenos em formas metodológicas muito rígidas.

Compreende-se que nenhum método descreve a realidade. Mas é possível traçar limites ou fronteiras, não no sentido de aprisionar, mas no sentido de que é necessário fazer um recorte dentro do campo de estudo.

Feitas essas considerações, é possível apresentar as escolhas realizadas. A abordagem metodológica qualitativa que foi utilizada é o método biográfico que prioriza o documento escrito, e auxiliou compreender a vida conforme ela é relatada e interpretada pelo próprio autor. Esse método ressalta o momento histórico, social e político vivido pelo sujeito. É considerado um método necessariamente histórico, tendo em vista que a temporalidade contida no relato individual remete ao tempo histórico, dinâmico no sentido em que apreende as estruturas de relações sociais e os processos de mudança.

No âmbito do método biográfico, foi utilizada a pesquisa documental, tendo em vista que o objeto de estudo é um conjunto de documentos que foi investigado, manuseado e as informações obtidas foram posteriormente analisadas.

### **2.1. Os diários como história: procedimentos do método biográfico**

Os diários podem ser compreendidos como histórias narradas de uma vida, marcada por discretos detalhes ou grandes acontecimentos, permeados pela desordem e incoerência da vida cotidiana. Não se pode interagir diretamente com o autor, mas é possível aproximar-se dele de formas diferenciadas para conhecer mais sobre as suas vivências descritas nos seus registros.

A narrativa em forma de diário, segundo Maciel (2004), inclui-se entre as formas autobiográficas por ser uma escrita voltada para um “eu” que se revela, diferindo das demais formas confessionais por ser escrita à medida que os fatos vão acontecendo, ou melhor, por relatar os fatos de forma retrospectiva, mas em um espectro de tempo muito

menor. Os diários são também um retorno ao passado, mas a um passado recém-acabado, sem um objetivo preciso de buscar nada além do que a vontade determina.

No campo das experiências e escritas de si, o método biográfico está situado, de acordo com Campos (2004), dentro do quadro referencial da metodologia qualitativa biográfica, juntamente com a História Oral, a Autobiografia e a História de vida. Essa metodologia permite uma aproximação diferenciada nos escritos, o pesquisador não confirma a autenticidade dos fatos, pois o importante é o ponto de vista de quem escreve. Nesse método, o aspecto mais marcante é o fato do objeto de estudo ser o indivíduo em sua singularidade.

Os objetos biográficos são definidos por Lechner (2009) como narrativas ou relatos autobiográficos que são recolhidos por um investigador. De acordo com a autora, os diários, correspondências, narrativas de vários tipos, fotografias, documentos oficiais, etc., cuja produção não tinha por objetivo servir para fins de pesquisa, também podem ser considerados objetos biográficos.

Ferrarotti (1991) mostra a especificidade do método biográfico considerando dois tipos de materiais que podem ser utilizados nessa abordagem: os materiais biográficos primários, isto é, as narrativas ou relatos autobiográficos recolhidos por um pesquisador, em geral por meio de entrevistas, e os materiais biográficos secundários, que são os materiais biográficos de toda espécie, tais como: correspondências, diários, narrativas diversas, documentos oficiais, fotografias, etc., cuja produção e existência não tiveram por objetivo servir de objetos de pesquisa.

Tendo em vista a relevância desse método para a pesquisa em questão, pretendeu-se, por meio dele, obter informações mais subjetivas acerca da vida de uma pessoa utilizando-se uma trajetória pessoal. Buscou-se conhecer as informações contidas na vida pessoal por meio dos escritos levando em consideração o significado afetivo das coisas, das situações e das experiências. De forma a captar a profundidade da história do sujeito, e de entender a sua história e o seu percurso de vida, o método biográfico usa, assim, diversas fontes, tais como: cartas, fotos, filmagens, documentos pessoais, depoimentos, entre outros recursos.

### **3. O autor a partir de seus registros: quem escreve? Quem reescreve?**

Daniel Bertaux (1989) diz que para se fazer um bom trabalho de investigação é necessário desejar fazê-lo. Esta decisão é tomada muito mais em função de inclinações profundas do que de considerações racionais, para Bertaux (*ibidem*) a paixão é o motor do

descobrimto. Peço licença para escrever na primeira pessoa, apenas esse trecho, pois é-me desconfortável explicar a minha relação com os diários de outra forma, uma vez que me sinto como se eu me afastasse dos diários e cortasse qualquer vínculo que tivesse com eles, e não é essa a intenção, pois essa relação de afeto também constrói e reconstrói essa escrita.

Considero importante lançar questões não só sobre os escritos do autor dos diários, mas também sobre os escritos que fiz sobre ele e minhas motivações diante dos diários. Falo a partir de um lugar situado, faço uso dos diários, enquanto neta do autor e leitora quase exclusiva deles.

Os diários utilizados nesta pesquisa foram escritos pelo meu avô paterno, e permaneceram com ele até sua morte. Eles foram deixados para o meu pai, que os guardou e permitiu que eu os lesse e os estudasse. A presença dos cadernos em minha casa, desde muito tempo, sempre me trouxe curiosidade e um desejo enorme de fazer circular, de alguma forma, aquela escrita, aquelas palavras, aquela vida. Para mim, tratava-se de um tesouro que estava empoeirando e se perdendo na estante.

Meu avô Pedro participou da minha infância e me deixou muitas recordações. Poderia enumerar algumas delas: são lembranças que me trazem à memória sons, sabores e cheiros de uma casa simples com um quintal grande, com pés de frutas, características típicas do interior. São lembranças da parte interna da casa do autor dos diários, como a foto do presidente Tancredo Neves na parede, o calendário da mercearia pregado atrás da porta, o quadro pintado do casal, o cheiro do café moído na hora e os pastéis de vento que faziam a alegria das crianças; do lado de fora, o pequeno cômodo onde eram guardadas as ferramentas, o fogão a lenha, as brincadeiras até o anoitecer e tantos outros detalhes que não foram esquecidos.

Aquela casa da infância era como se fosse um mundo de possibilidades e me deixou muitas marcas. O estudo dos diários, sem dúvida, ultrapassa o interesse acadêmico, mas também se funde a ele. Fazer essa pesquisa foi também uma forma de “reencontrar” esse avô da infância e conhecê-lo um pouco mais. E, ainda, ler sobre como ele se descreve, como ele fala de sua juventude, da sua vida e da família, de seu cotidiano, enfim, conhecê-lo sob outra ótica, a ótica da escrita de si.

Sem dúvida, os objetivos acadêmicos não podem ser esquecidos, pois se defrontam com um cotidiano que se coloca como um espaço de negociação, um cotidiano sempre improvisado, feito e refeito a cada dia, e partir disso compreende-se que cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade de vida. São “maneiras de fazer” que



“[...] constituem mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural” (De Certeau, 1996: 41).

Dessa forma, compreende-se que múltiplas maneiras podem ser usadas para falar sobre quem os escreve. Dentre essas possibilidades, podem ser usados os mais diversos artifícios, como por exemplo, entrevistas com o autor e/ou com seus familiares, notícias de jornal, autobiografias publicadas ou ainda pelos registros do próprio autor em seus diários pessoais. Esse último caso, que é a descrição do autor a partir dos seus registros, foi utilizado na pesquisa, tendo em vista que é o meio que mais agrega informações a respeito do autor, e isso se dá de forma muito particular, pois são textos marcados pela caligrafia de quem escreve juntamente com os seus rabiscos, os seus traços e os seus rascunhos. Nos trechos dos diários foi possível acompanhar a organização da vida cotidiana, relações interpessoais, características pessoais, costumes diante dos acontecimentos de sua vida, dentre outros aspectos que serão retratos a seguir.

Ao optar por esse caminho, permeado por análises da pesquisadora, recortes e arranjos, não se pretendeu classificar ou julgar as atitudes do autor. Pretendeu-se dar destaque ao que o escritor escreveu sobre si mesmo recorrendo à reprodução continuada de trechos dos diários. Alguns aspectos sobre o autor dos diários, não foram escritos por ele de forma direta. Entretanto, considerou-se que é possível conhecer o resultado de algumas das intenções do autor por meio da forma que a escrita se organizou no final de cada dia. Como estratégia e recurso analítico, usou-se a reprodução de trechos dos diários e também a interpretação de muitos dos escritos. A organização também gira em torno de duas características: 1) o que o autor diz diretamente; 2) o que ele não diz, porém sugere e acerca do qual deixa indícios. Esse segundo ponto é aquilo que é provocado pelo material de forma indireta.

O autor escreveu, e como pesquisadora desse material, reescrevo-o. Entretanto, considerou-se que mesmo não se tratando de uma conversa direta, se promoveu um diálogo entre o autor e a pesquisadora, pois significados foram partilhados, produzidos, e ressignificados. Diversas questões puderam ser compreendidas por meio da história psicossocial do autor, da sua subjetividade, e até das memórias e vivências da infância da pesquisadora.

Os diários formam um conjunto de dados que são o objeto da pesquisa no qual o autor escreveu sobre a sua vida e sobre esse material, foram analisados os detalhes da sua vida, o cotidiano e seus possíveis significados, foram feitas interpretações, análise, deduções, tentou-se ler o que havia nas entrelinhas. Dessa forma, o autor descrito a partir

dos seus registros, não se resume ao que ele escreve, mas estende-se, também, ao que foi lido e escrito sobre esses registros.

#### **4. “Pedro Fernandes Moreira, seu amigo grato e certo”**

Em um dos termos de abertura de um dos diários, encontra-se a seguinte inscrição: “Caso você abra este livro não seja mal-educado, não escreva nesse livro, pois é de meu uso e de minhas anotações. Resplendor, 9 de março de 1968. Pedro Fernandes Moreira, seu amigo grato e certo.”.

A autorização para que se abram os livros foi, de certa forma, dada, com a instrução de não escrever neles, pois se trata de um objeto pessoal do autor, de seu uso e de suas anotações. Munida dessa “autorização”, folhearam-se os livros para que fosse possível então conhecer algumas características do autor, sendo que as que mais sobressaíram foram detalhadas nos tópicos posteriores.

Pedro Fernandes Moreira, o autor dos diários, nasceu no dia 21 de dezembro de 1911. É possível ter acesso a essa data, não somente pelo contato pessoal da pesquisadora com diários, mas porque o escritor sempre registra seu aniversário em seus cadernos, informando quem o visitou e qual foi a refeição preparada naquele dia: “hoje dia 20 de dezembro de 1963, matamos um capado para meu aniversário” (cad. 2, reg. 202, 20.12.1963). Essa forma de comemoração repetia-se todos os anos, quando isso não acontecia, também era motivo de registro: “O meu aniversário correu bem graças ao bom Deus, só não teve uma visita de parente, nem visita de meus irmãos em Cristo. [...] Só fui lembrado pela minha vizinha D. Sebastiana Rosa de Carvalho que me deu de presente um frango para o almoço” (cad. 5, reg. 638, 21.12.1968). “Meu aniversário é hoje e estou completando 58 janeiros, não vou fazer uma jantinha porque minha mãe está bem mal [...]” (cad. 5, reg. 790, 21.12.1969). Ao mesmo tempo, é possível perceber que se trata do relato da vida numa cidade do interior.

Quando o autor chega a um momento já mais avançado de sua vida, no dia em que completa 67 anos, o mesmo informa dados detalhados sobre o seu nascimento, que o faz informar mais sobre si mesmo, mas também o faz refletir acerca dos dias atuais. Sendo assim registra que nasceu:

na Comarca de Aimorés, no lugar de denominado córrego do Capinzinho, [...] eu nasci naquele lugar às 16 horas, a parteira que assistiu a minha mãezinha chamava-se Rita Covre Gomes, o primeiro leite que recebi foi da mamãe Josina Ribeiro de

Oliveira, tudo era completamente diferente dos nossos dias atuais (cad. 8, p.89, 21.12.1978)

O escritor morava em uma pequena cidade no interior do Estado de Minas Gerais, chamada Resplendor. Sobre sua cidade expressa apego, principalmente quando se ausentava para alguma atividade a ser realizada fora: “eu não gosto de sair da minha cidade” (cad. 3 reg. 526, 04.01.1968) ou ainda “Se Deus quiser na próxima semana vou embora para Resplendor: minha terra natal, aqui é tudo bom (Belo Horizonte), mas para mim, só Resplendor.” (cad. 4, reg. 551, 15.03.1968)

De acordo com o relato dos filhos, o autor dos diários teve acesso aos estudos durante cerca de 20 dias, nos quais aprendeu a ler e a escrever. Conta-se que no local e época em que ele vivia, não existiam ainda escolas formais, porém havia algumas pessoas que se habilitavam a ensinar o básico da educação formal para aqueles que se interessassem. Em 1947, tornou-se Oficial de Justiça, cargo que na época tinha por incumbência a limpeza do Fórum da cidade, a portaria do serviço, a entrega de mandados judiciais e outros pequenos serviços que lhe permitiam circular pela cidade acompanhando os acontecimentos cotidianos e depois os registrando em seus diários.

Casou-se aos 21 anos e relatou sobre o seu casamento no registro civil na contracapa do seu primeiro diário: “nosso casamento dia 30 de julho de 1938 no cartório de Resplendor, Minas Gerais”. Apenas 28 anos depois, acontece a realização do seu casamento em uma Igreja Católica de sua cidade.

Uma característica do autor que se torna marcante ao longo dos registros é a proximidade com a família. Grande parte daquilo que escreve relaciona-se com a sua família. Esses momentos com a família também eram reforçados nos registros a respeito de datas comemorativas como Natal e o Ano Novo. “Ontem passamos o dia de natal alegre, quase todos da família estavam em casa [...]” (cad. 6, reg.1516, 26.12.1971). E ainda:

Hoje é natal, estamos muito alegres, graças ao bom Deus, todos os filhos estão nessa cidade, juntos em minha casa, vamos tirar uma fotografia de todos nós juntos, pois não sabemos se Deus quer que nós estejamos juntos no próximo 1972 [...]. (cad. 6, reg. 1514, 25.12.1981)

Em alguns dos registros, pode-se conhecer a atitude de desaprovação do autor diante de um tipo de comportamento masculino que não era bem visto. Principalmente nas primeiras décadas do século XX, tudo o que ameaçava o casamento era alvo de

críticas. Ao marido, cabia representar a família, administrar os bens comuns e aqueles trazidos pela esposa e fixar o domicílio do casal:

Hoje, dia 28 de julho de 1962, foi realizado o casamento da filha do Julito Sefreano de Campos com o Rubim filho de meu tio Honório Ferreira da Rocha e de Dona Margarida da Rocha Bragança. E eu não fui ao casamento porque não achei que ela merecia aquele moço para casamento, ele é muito vagabundo, é um homem que vive à custa de sua irmã que é uma mulher de vida irregular. Não tenho remorso de não ter ido assistir tal casamento. (cad. 2, reg. 139, 28.07.1962)

O Nilton está hoje em casa, ele está trabalhando em Conselheiro Pena, é guarda de banco, emprego muito vagabundo, está ganhando somente 170 cruzeiros novos, isso não é dinheiro para quem tem família. (cad. 5, reg. 946, 01.01.1971)

Morreu hoje, no hospital dessa cidade o velho mais safado e prostituto que tinha e tem o nome de Arthur Ferreira, ele não podia ver uma mulher sozinha que ele procurava com essa senhora, mas ele foi dar conta de sua safadeza [...]. (cad. 11 p. 25, 10.03.1986)

À mulher, cabia a identidade doméstica, aos homens, a pública. O homem deveria ser honesto e trabalhador em tempo integral. Esse era o papel social que mais valorizava o homem. Quando a falta de trabalho ou qualquer desastre profissional o impedia de ser o único provedor da família, alguns chegavam ao desespero de suicidar-se (Del Priore, 2006).

Em relação às pessoas que faziam parte do círculo social do autor, ele registra nos diários ser considerado um homem de boa reputação, como é possível ler em uma carta de um juiz da cidade:

Apresenta, a Autoridade que esta for apresentada o Sr. Pedro Fernandes Moreira. MASP 102.172, serventuário da justiça nesta Comarca de Resplendor, como Oficial porteiro, trata-se de uma pessoa merecedora de todo respeito e acolhida por ser cidadão de grande e ilibada reputação funcional e moral. Por ser verdade, datilografei e passei esta apresentação que vai por mim assinada e datada.

Resplendor, 9 de abril de 1972  
Lamberto de Oliveira Santana,  
Juiz de Direito

Sabe-se que os diários são uma seleção do que se vive, nem tudo que é vivenciado é registrado, nesse caso especificamente, observa-se que o autor registra como provavelmente quer ser visto, como um homem correto, uma “pessoa merecedora de todo

respeito”. Trata-se de uma carta datilografada por um juiz de direito, uma figura considerada de autoridade e que foi anexada aos diários.

Em outros momentos de escrita dos diários, outras características do autor ganham destaque, por exemplo, em 1966, quando o Brasil estava prestes a conquistar o terceiro título consecutivo na Copa do Mundo, foi eliminado do mundial quando perdeu de 1-3 para Portugal. Essa derrota rendeu um registro nos diários:

Ontem houve luto em todo o Brasil com a derrota do futebol em Portugal: O negro Pelé mostrou o que vale preto com cartaz no meio de Branco! Foi, foi Brasil, na conversa de preto, mas preto com letra maiúscula NEGRO PELÉ, vagabundo preto, não podemos esquecer da perna torta Garrincha, que é também um grande safado, vai procurar serviço corja de Malandro xamixugas. De hoje em diante, ninguém quer ser PELÉ e nem GARRINCHA. Estamos de luto com essa desfeita. [...] (cad. 3 reg. 358, 20.07.1966)

O comentário racista não é por acaso, faz parte da realidade do autor, esse tipo de atitude se repete em outros momentos nos diários: “Preto quando não caga na entrada, na saída suja até nas telhas” (cad. 7, reg. 1836, 01.10.1974); “A negra metida a besta” (cad. 7, reg. 1884 - 16.11.1974). É possível perceber que essa escrita é contraditória, há certa incoerência quando se observa a própria família do autor, pois dois de seus filhos adotivos eram negros, além de sua esposa e cunhadas, ou seja, essas eram pessoas com as quais o autor tinha uma relação de afeto e cuidado.

Na viragem do século XX, segundo Del Priore (2006), não faltavam discordâncias, num país livre da escravidão desde 1888, para opinar sobre casamentos entre negros, mulatos e brancos e também sobre a relação entre as pessoas de forma geral. Nas camadas desfavorecidas, o racismo colocava-se de maneira específica, pela comédia, e isso poderia se dar por meio de programas de rádio dos quais constavam personagens que traziam o preconceito em suas falas e paródias.

Malgrado a convivência, nas grandes cidades, entre brancos e negros, entre morro e asfalto, apesar da moda das “cabrochas” e do sambista erudito, nas décadas seguintes o racismo continuava presente. Agora em novo formato: menos ditado pela cor e mais pelas diferenças sociais, econômicas e de educação. Eram tardias as uniões formais ou consensuais, entre quem se identificava como “preto”. Era acentuado o celibato definitivo entre os homens. O casamento civil continuava sendo, apesar das mudanças chegadas com a República, “coisa de branco”. (*ibidem*: 248)

Em meados do novo século, apesar das mudanças, o racismo não foi extinto e se fazia presente das mais diversas formas no cotidiano das pessoas. O discurso racista insistia em circular, mesmo que não condissesse com as ações, assim como nos trechos citados, bem como noutros momentos do diário em que o autor estabelece relação de pai que acolhe filhos que não são seus e de esposo amoroso, porém, em certos momentos, sobressaía uma atitude racista.

#### **4.1. “Da Gentil senhorita Ana à minha velha”**

A esposa de Pedro chamava-se Ana Pereira Moreira de Assis “nascida 15 de abril de 1910, em Natividade, estado do Rio de Janeiro” (cad. 6, reg. 1590, 15.04.1972). Ela era um ano mais velha que ele. Nos registros ela é sempre chamada de “minha velha” pelo autor. As descrições sobre a esposa não são muito detalhadas, algumas bem objetivas, como neste caso: “Hoje a Ana completou 50 anos, estamos todos com saúde e felicidade, graças ao bom Deus.” (caderno 2, reg. 19). Porém, os registros demonstram que se trata de uma presença constante ao lado do autor dos diários, além de ser sempre citada de forma carinhosa: “A minha velha está com saúde e muito forte, sempre mais bonita” (cad. 3, reg. 526, 04.01.1968).

Ao longo dos cadernos também é possível ler sobre a saúde de sua esposa no que se refere aos momentos de adoecimento: “Ana está passando um pouco de mal, com um pouco de dor de cabeça, mas isso é de costume, é doença de nós os velhos desta época” (cad. 3, reg. 255 dez/janeiro 1965) “Minha velha está um pouco adoentada, mas está melhorando graças ao bom Deus, ela só está com um pouquinho de dor de cabeça.” [...] (cad. 4, reg. 549, 24.02.1968). “Hoje minha velha machucou na lavagem de roupa no porte da ponte, quebrou a perna e está passando mal” (cad. 5, reg. 665, 28.12.1969).

Praticamente todos os anos, Pedro registrava seu aniversário de casamento e informava quantos anos de casados estavam completando, como pode ser verificado nos exemplos a seguir: “Hoje, dia 30 de julho completei 23 anos de casado. Fizemos uma jantinha.” (cad. 2, reg. 88, 30.07.1961). “Hoje estamos completando 36 anos de casados, tudo bem até hoje, temos vivido uma vida feliz. “Hoje estou completando 41 anos de um feliz casamento”. (cad. 8, p. 100, 30.07.1979)

Nos diários não são descritas brigas entre o casal, há apenas um registro no qual o autor cita uma “pequena discussão” entre os dois:

Hoje tive uma pequena discussão com minha velha, brincadeira tem hora, o Diabo vive procurando lugar para morar na casa dos crentes. Eu sou crente, graças ao bom Deus. Tomara que não aconteça isto, pois já temos quase trinta anos de casados, foi hoje a primeira vez que tivemos uma discussão. Que Deus tenha dó de nós, AMÉM. Resplendor 4 de outubro de 1966. Pedro Fernandes Moreira. (cad. 3, reg. 372, 04.10.1966)

A ausência da esposa é sempre descrita com pesar toda vez em que acontece:

[...] só não estou mais alegre porque minha velha não está em casa, ela está em Colatina, na casa do Manoel. (cad. 5, reg. 740, 02.11.1969)

A Ana não está em casa, está em Colatina esperando a Mariquinha ganhar neném, tem hoje 14 dias que ela foi para Colatina e eu estou achando muito ruim a falta dela em casa [...]. (cad. 5, reg. 741, 04.09.1969)

[...] só não esteve bom, pois minha velha não estava, (cad. 7, reg. 1703, 01.01.1973)

Também não constam registros de sentimentos ou ações da esposa no cotidiano, há apenas um registro em que isso aparece: “A minha velha está triste comigo por eu ter subido na caixa d’água para limpar, nunca mais subirei nesta caixa para fazer limpeza [...]” (cad. 10, p. 32, 01.01.1983).

Quando completam 42 anos de casados ele faz uma breve retrospectiva do que aconteceu no dia do casamento civil:

Há 42 anos, nesse dia eu estava trabalhando na Vitória-Minas, recebia por mês 20 centavos por 30 dias de trabalho pesado e nós dois não tínhamos nada. Só tinha a graça de Deus e mais nada, mas tinha a minha velha, nova e bonita. No dia de hoje nos casamos no cartório do Barroco [...]. Nós no dia de hoje viajamos para a cidade de Aimorés, fomos para a casa do meu compadre Casimiro Paiva e comadre Maria e voltamos no dia 31 do mesmo mês. Fomos para Aimorés no trem das 9h e viajamos de segunda classe e fizemos vantagem. Paguei do casamento 4 centavos, 40 mil réis naquele tempo [...]. (cad. 9, p. 36, 30.07.1980)

A mulher no século XVIII no Brasil, como mostra Del Priore (1989), sempre foi descrita dentro de um quadro de práticas amorosas domadas, prescritas como remédios, racionadas para não incentivar excessos. Trata-se de um território marcado pela norma que se refletiu até séculos depois. O conceito de amor conjugal traz a visão da Igreja católica, da necessidade de recato; o corpo da mulher é visto como estímulo ao pecado.

Del Priore (1989) escreve que, mesmo essa mulher dos registros religiosos, que era muito tolhida, coexistia de outras formas no dia a dia da cidade. Nos registros dos diários estudados, também se encontra essa mulher que é pouco falada, mas que também tinha

uma vida que se fazia no cotidiano a caminho do rio para lavar as roupas, no cuidado das crianças menores, na conversa com as vizinhas e nos afazeres cotidianos. Percebem-se resquícios dessas práticas e formas de pensar nos séculos posteriores.

Esse lugar ocupado pela mulher, não é só de passividade, também carrega certa autonomia. Essa autonomia é perceptível na vida das mulheres quando, em seu cotidiano, encontram voz e fazem resistência por meio de outros registros. No caso dos diários, Ana, a esposa do autor, de forma externa ao diário, tem registro das correspondências trocadas de antes de se casarem. No meio dos cadernos foram encontradas sete cartas, que foram trocadas pelo casal Pedro e Ana, sendo que cinco das cartas eram remetidas por Pedro e duas por Ana. Essas cartas foram escritas no período que antecede o casamento dos dois, que ocorreu no dia 30 de julho de 1938.

Do conjunto de sete cartas, esta é a mais antiga na qual Pedro já falava a Ana sobre suas intenções e dificuldades em relação ao casamento:

Gentil senhorita, Ana Pereira de Assis,

Saudações a todos da casa.

Ana, desejo saber da gentil senhorita, se seus pais já estão cientes do nosso casamento. Eu ainda não falei do nosso casamento com seu pai, por este motivo de não ter casa para morar, porque eu quero me casar, mas tendo minha casa.

Eu avaliei todas as minhas compras que tenho de fazer para me casar. Eu darei andamento em breve ao nosso casamento, sim?

No mais, conto com sua firmeza até o fim, eu farei o que nosso Deus quiser.

No mais, eu peço que responda a essa cartinha.

Sou eu quem te prezo de coração.

Pedro Fernandes Moreira

03.01.1938

O namoro era considerado uma etapa preparatória para o noivado e o casamento, e servia como uma fase de adaptação do casal. A namorada deveria mostrar-se prendada, recatada, atenciosa – garantias de uma futura esposa. O namorado interessado deveria mostrar-se sério e com plenas intenções em se casar. Deveria mostrar-se também uma pessoa responsável e capaz de sustentar uma família (Pinsky, 1997).

As cartas dão uma pequena ideia do namoro entre Pedro e Ana, bem como das expressões utilizadas naquela época.

05.06.1938

Gentil senhorita, Ana Pereira de Assis



É com muito prazer que pego nesta pena para dar minhas notícias, enquanto vou indo bem graças ao bom Deus, e eu espero na primeira oportunidade que me escreva, sim?

No mais, aceite lembranças de quem te preza e estima de coração.

Pedro Fernandes Moreira

Também, por meio de uma carta, o pedido de casamento foi feito por Pedro aos pais de Ana. Se os pais não concordassem, ou seja, se não “fizessem gosto” pelo casamento de seus filhos, era difícil que esse casamento se realizasse (Del Priore, 1997; Velho, 1986). Segue a carta:

Norte de Resplendor, 16 de maio de 1938.

Sr. Inácio Francisco de Assis,

E com muito prazer que pego na pena, a fim de saber, do senhor e da D. Maria, se é de gosto eu me casar com sua filha gentil senhorita Ana Pereira de Assis. Apesar de eu não ser merecedor, mas venho saber por meio desta pequena cartinha, neste ato de grande responsabilidade. Sou eu que lhe agradeço, o teu amigo que muito te preza de coração.

Sou eu,

Pedro Fernandes Moreira

Das duas cartas de Ana para Pedro, é possível ouvir, mesmo que de forma indireta e bastante tímida, a voz de Ana.

Resplendor, 5 de maio de 1938

Jovem Pedro F.,

São os meus votos sinceros que esta vai encontrar-te gozando saúde e mil felicidades. Eu, e todos os meus, estamos em paz, graças a Deus.

Pedro, eu recebi a sua estimada cartinha, fiquei satisfeita em saber que você está bom. E todos esperamos você no sábado sem falta, sim?

[...] Lembrança minha e de todos da casa, sendo eu

Ana Pereira de Assis.

Desse conjunto de cartas, os escritos de Pedro são mais detalhados e percebe-se certa minúcia nessa escrita, quase todas as suas cartas são escritas em papéis decorados com flores e pássaros que enfeitam o papel. As duas cartas de Ana, são mais objetivas e escritas em papel simples.

As cartas são muito simbólicas, principalmente cartas amorosas, pois imortalizam vivências e sentimentos do casal. Elas têm a função não somente de comunicar, mas, especialmente, de tornar presente, de substituir aquele que a escreveu, e que está ausente, pelo que está escrito (Fauri, 2001).

Nos relacionamentos entre homens e mulheres, por volta da década de 1950, o flerte ou o namorico (jogo de gentilezas, olhadelas, gestos, sorrisos) para os homens não causava prejuízo algum, entretanto, a mesma situação era diferente para as moças. Elas deveriam cuidar-se para não “manchar a reputação”. Além de comprometer as chances das candidatas a esposa, a prática do flerte por parte das mulheres revelava uma iniciativa feminina na conquista do homem, o que também era condenável. A iniciativa da conquista era atribuída somente ao homem (Pinsky, 1997; Mazzel, 1962).

No estudo “Relações amorosas ao longo das décadas: um estudo de cartas de amor” (Carpenedo e Koller, 2004) foram analisadas cartas entre casais de décadas diferentes, tendo-se observado que a maioria das mulheres das décadas de 1940 e 1950, na situação de noivas ou namoradas, pouco expunham dos seus sentimentos particulares para com os seus companheiros.

A carta permanece como um “documento autêntico” e, neste sentido, para Fauri (2001), seria um depósito de espontaneidade, sentimentos, experiências e emoções. Ao mesmo tempo percebe-se que quando se fala de uma mulher que escreveu, nem sempre é tão claro notar essas características. Dessa forma, compreende-se que a objetividade na escrita de Ana, sem dúvida não é por acaso, existe todo um jogo social que caracteriza e modela as suas atitudes que não são somente dela, mas da maioria das mulheres de sua época.

#### **4.2. “Estavam todos os meus filhos em casa”**

A relação com os filhos e filhas se dava de diferentes maneiras. Em uma leitura transversal dos diários nota-se, repetidas vezes, uma preocupação do autor com os filhos e filhas e o desejo que eles estivessem sempre próximos dele, participando das comemorações e eventos em sua casa. Esse cuidado com os filhos sobressaía principalmente quando ele fazia registros sobre os filhos mais velhos – Loló (Euclides) e Nunu (Nilton) – pois relata que os mesmos não seguiam seus conselhos cristãos:

Ano Novo. [...] O Euclides não quis vir em nossa casa, pois continua na vida de embriaguez. (cad. 2, reg. 186, 01.01.1963)

Vai tudo de mal a pior, o Nunu continuou chegando só de madrugada. [...]. (cad. 4, reg. 542, 13.02.1968)

O Euclides está bebendo muito e não aceita conselho de nós, seus pais. (cad. 2, p. reg. 82, 20.05.1961)

Os escritos e registros sobre os filhos referiam-se principalmente ao comportamento deles no dia a dia, em relação ao emprego e na relação estabelecida com ele próprio. Registrava a respeito do emprego dos filhos, bem como dos seus salários, dentre outras informações.

Os namoros, os noivados bem sucedidos ou não e os casamentos dos filhos também se fazem presentes nos escritos:

Ontem a Mariquinha ficou noiva, foi pedida em casamento pelo Manoel Viana, ele é Agente do Vitória a Minas na estação de Santa Joana. (cad. 3, reg. 246, 08.11.1964)

Nesse trecho, também é possível notar que faz um registro constando o emprego do noivo que era considerado uma garantia de um bom casamento para a filha.

Ontem passamos em Santa Joana em casa do Manoel. Fomos ver a casa onde vai morar a Mariquinha. Nós fomos bem recebidos e voltamos à noite, foi eu, a Ana, a Mariquinha, Arminda e o Joabes [...]. (cad. 3, reg. 284, 19.07.1965)

O Nunu casou. Hoje fizemos o casamento Nunu, Nilton Fernandes Moreira com a Arminda Rosa da Silva [...]. (cad. 3 reg. 396, 15.05.1967)

Às filhas mais novas promovia-se outro tipo de cuidado, principalmente no que dizia respeito aos possíveis pretendentes das mesmas, como neste caso, quando a princípio não gostou muito de um dos interessados em sua filha: “[...] vamos estudar a vida do dito rapaz” (cad. 6, reg. 1514, 25.12.1971).

Esse cuidado com as filhas não era ao acaso, pois só as moças consideradas de família eram respeitadas pela sociedade da época. Elas poderiam casar-se e serem donas de casa, porém deviam manter-se virgens até o matrimônio. Às levianas tudo era negado, elas eram mal faladas e não aceites pela sociedade (Carpenedo e Koller, 2004).

Muitas diferenças se colocavam entre a educação entre moças e rapazes. Mary Del Priore, no livro *História do amor no Brasil* (2006), traça esse perfil de moças e rapazes, das décadas de 1940, 1950 e 1960, indicando o que era esperado de cada um deles. As mulheres eram persuadidas de que não casar era um insucesso. A repressão sexual era profunda entre mulheres e estava relacionada com a moral tradicional. A elas eram sempre incutidos valores ligados à castidade e à pureza, identificadas pelo comportamento recatado e passivo. A “moça de família” manteve-se como modelo das mulheres dos anos 1950 e seus limites eram bem conhecidos.

Em contrapartida, relações sexuais de homens com várias mulheres não só eram permitidas, como frequentemente desejadas para que o homem se tornasse experiente. Os rapazes procuravam aventuras com as “galinhas ou biscates” com as quais praticavam aquilo que era proibido com as “moças de família” (*ibidem*).

Nos registros dos diários, apesar de o autor mostrar indignação com o comportamento do filho, sua atitude se restringe a lamentar as consequências das ações de seu filho.

Vai tudo de mal a pior. Meu filho continuou só chegando de madrugada. Ele está indo no Cabaré do Porto da Barca de Dona Amélia. Eu não tenho nada com isso, a cabeça que não tem juízo é o corpo que paga, não é? (cad. 4, reg. 542, 13.02.1968)

Segundo Del Priore (2006), o rapaz tinha que, além de apresentar as características de ser capaz de sustentar uma casa, assim que houvesse interesse em uma moça deveria se declarar, exprimindo verbalmente o seu amor, a paixão e a intenção de casar-se. Dessa forma, assim que o rapaz pedia a moça em namoro, todo um dispositivo de controle se colocava, então, em funcionamento com intuito de preservar a reputação e a honra da moça, representada pela virgindade, bem supremo de troca no matrimônio. No caso de defloramento ou gravidez, o “desastre” era punido com casamento imediato ou sentença judicial.

## **5. Considerações finais**

Os diários pessoais trazem uma riqueza de informações e uma infinidade de temáticas que podem ser analisadas. De forma geral, todas as reflexões aqui estabelecidas ressaltam a contribuição das memórias no campo da pesquisa, mas também o fato de tornar esses escritos conhecidos e valorizados pela sociedade como estratégia fundamental, que contribui para o desenvolvimento social baseado no respeito e na compreensão das múltiplas experiências e visões de mundo das pessoas e dos grupos que compõem a sociedade de hoje, sejam elas escritas ou faladas.

A partir da descrição do autor e da sua vivência por meio dos seus diários, é possível repensar os conceitos de memória individual e coletiva, bem como refletir sobre a dinâmica de construção da História Social. A História é, sem dúvida, uma narrativa, contada por alguém, trata-se de um processo vivo e permanente. Por mais que se fale de um passado, a História é feita no presente, no momento em que os diários são relidos,

estudados e reescritos. Produz-se outra história que é individual, mas que ao mesmo tempo se relaciona com acontecimentos coletivos.

Reconstruir uma trajetória individual significa também conhecer uma rede de relações a partir da ideia de singularidade, com diferentes temporalidades, relações e pertencimentos que dizem respeito tanto sobre quem se escreve quanto para quem reescreve e para quem se escreve.

Destacamos alguns temas que são importantes de serem retomados, mesmo que brevemente, nesse momento de conclusão do texto, questões relativas ao gênero e sexualidade especificamente. Alguns pontos destacados neste estudo possibilitam a apreensão de certos modos discursivos presentes no meio social em que o autor dos diários escreve e descreve de seu cotidiano.

Podemos dizer que os pensamentos que situam a mulher em uma condição inferior acabavam por justificar e concretizar as situações de domínio e submissão entre os sexos. Essa condição apenas ocorreu a partir da construção e do afixamento permanente de categoria identitárias que pradronizam o sujeito por meio de uma adequação naturalizante.

Nos diários estudados, é perceptível o cuidado de Pedro com sua esposa e suas filhas, cuidado este que fala de uma prática de controle da mulher. Em relação à mulher, o casamento vai permitir que ela atinja uma determinada dignidade social e aos filhos uma condição de superioridade, o de chefe de família. Em vários trechos dos diários, pudemos observar o excesso de zelo em relação às filhas e o excessivo incentivo à realização do casamento delas. Havia a preocupação e o cuidado de que elas se unissem à homens com bom emprego e com boa posição social. Quando alguma filha começava a desviar desse caminho, Pedro logo registrava sua indignação e, possíveis atitudes, para colocá-la novamente no caminho esperado por todos.

A repressão da sexualidade da mulher e a indiferença perante a sexualidade masculina marcam uma conduta de moralidade cobrada de forma diferenciada no tratamento entre as mulheres e os homens da família de Pedro.

O destino considerado natural das mulheres, ser mãe, esposa e dona de casa, marcado pelo casamento, maternidade e dedicação ao lar, foi, sem dúvida, profundamente revolucionado no século XX. É nesse contexto que as feministas se viram frente ao desafio de demonstrar que não são características anatômicas e fisiológicas que definem as diferenças entre as desigualdades de gênero, mas a militância pelos direitos igualitários entre os seres humanos.

Concluimos que o estudo deste diário traz à tona outras estratégias de visibilidade de uma época. Esses materiais evidenciam o fato de que os arquivos públicos silenciam alguns aspectos, mas os documentos privados, uma vez por outra, quando publicitados, nos fornecem uma série de indícios sobre o cotidiano. Além disso, também apresentam outras formas de ver o mundo através de fatos corriqueiros da experiência humana que se revelam em hábitos e costumes. Decerto que também apresentam aspectos de pouca importância, à primeira vista, mas que carregam a força da lembrança, de um acervo de experiências de uma época que foi eternizado pela escrita.

A escrita em diários era uma recomendação dada às jovens burguesas do século XIX. As instruções dirigidas às moças solteiras, primeiramente pelos confessores e, mais tarde, pelos pedagogos, eram uma forma de controle sobre si. O século XIX distinguiu claramente as esferas pública e privada, que, de forma geral, recobrem exatamente a divisão do sexo: masculino e feminino. O mundo público, sobretudo na esfera econômica, política e das letras, é reservado aos homens. (Perrot, 1989).

Os estudos de Perrot (1989: 7) indicam que manter a memória da família e escrever o íntimo são práticas femininas:

De maneira geral, a presença das mulheres nesses arquivos se dá em função do uso que fazem da escrita: é uma escrita privada, e mesmo íntima, ligada à família, praticada à noite, no silêncio do quarto, para responder às cartas recebidas, manter um diário e, mas excepcionalmente, contar sua vida (Perrot, 2008: 28).

Todavia, a prática de escrita analisada nesta pesquisa, apesar de carregar traços de uma escrita masculina, contrapõe essa ideia, pois nos diários estudados o autor é quem cria e cuida dos arquivos familiares. Os diários se caracterizam também pela ambiguidade. O ato de escrever constitui-se de um processo de organização do seu próprio pensamento. Por meio desse esforço reflexivo, Pedro analisa e escreve sobre sua vida e, quase nunca, esconde seus sentimentos.

Por fim, compreende-se que o cotidiano materializado em papel muitas vezes é produzido e guardado em segredo, escrito a tinta, em páginas onde poderia ser registrado qualquer tipo de informação. Esses registros que conservam narrativas eternizam em suas folhas uma série de acontecimentos que produzem sentidos à medida que são lidos e relidos. As narrativas chamadas memorialistas, sejam masculinas ou femininas, dão visibilidade aos acontecimentos cotidianos e são, por isso, fundamentais para a análise de uma vida social.

## Referências bibliográficas

- Bertaux. Daniel (1989), “Los relatos de vida en el análisis social. Historia y fuente oral”, *¿Historia Oral?*, 1, 87-96.
- Campos, Fabiana de Andrade (2004), *Trabalho e consciência de classe: a história de Dona Antônia e Dona Maria na luta pela terra*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- Carpeneo, Caroline; Koller, Sílvia Helena (2004), “Relações amorosas ao longo das décadas: um estudo de cartas de amor”, *Interação*, 81(1), 1-13.
- De Certeau, Michel (1996), *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Costa, José Carlos da (2010), “O indivíduo na biografia e na autobiografia: uma perspectiva sociológica”, *Espéculo, Revista de estudios literários*, Madrid. Versão eletrônica consultada a 04.01.2014, em <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero45/indibilog.html>.
- Del Priore, Mary (1989), “O corpo feminino e o amor: um olhar”, in Maria Ângela D’Incão (org.), *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 31-56.
- Del Priore, Mary (1997) (org.), *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Del Priore, Mary (2006), *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto [2.<sup>a</sup> ed.].
- Fauri, Ana Letícia (2001), *Érico Veríssimo: A epístola como expressão do literário*. Dissertação de Mestrado em Linguística e Letras apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Ferrarotti, Franco (1991), “Sobre a autonomia do método biográfico”, *Revista Sociologia, Problemas e Práticas*, 9, 171-177. Versão eletrônica consultada a 04.04.2015, em <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/31/342.pdf>.
- Law, John (2004), *After Method: Mess in Social Science Research*. New York: Routledge.
- Lechner, Elsa (2009), *Histórias de vida: Olhares interdisciplinares*. Porto: Edições Afrontamento.
- Maciel, Sheila Dias (2004), “A literatura e os gêneros confessionais”, in Sheila Dias Maciel; Antônio Rodrigues Belon (orgs.). *Em diálogo: estudos literários e linguísticos*. Campo Grande: Ed. UFMS, 75-91.
- Matos, Maria do Carmo Rocha (2007), *O acaso do discurso, o discurso do acaso: práticas de escrita de si nos blogs*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, Brasil.
- Mazzel, Maximiliano (1962), *Amor e felicidade*. São Paulo: Paulinas [5<sup>a</sup> ed.].

Perrot, Michelle (1989), “Práticas da memória feminina”, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 18(9), 9-18.

Perrot, Michelle (2008), *Minha história das mulheres*. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto.

Pinsky, Carla Bassanezi (1997), “Mulheres dos anos dourados”, in Mary Del Priore (org.), *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 607-639.

Velho, Gilberto (1986), *Subjetividade e sociedade: Uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Vozes.